

# Sou visto, logo existo

*Beatriz Becker\**

O trabalho discute as complexas interações entre televisão e política e as representações dos acontecimentos sociais produzidas pelos noticiários. A partir do estudo da cobertura do depoimento do Deputado Roberto Jefferson à Comissão de Ética, verificamos como o *Jornal da Band*, o *Jornal da Record* e o *Jornal Nacional* construíram seus relatos sobre a reafirmação das denúncias do Deputado e suas repercussões. Observamos que cada edição é uma versão diária da realidade social. Assumindo o telejornal como um gênero informativo de características singulares e como produto de informação de maior impacto na atualidade, sugerimos que há uma hierarquia de valores nos discursos midiáticos. Conceitos e identidades são construídos através do uso da linguagem e das técnicas narrativas. E identificamos responsabilidades dos jornalistas e pesquisadores no exercício de suas funções como formadores de opinião e/ou articuladores de modos de ver o Brasil e o Mundo.

Televisão - telejornalismo - jornalismo

This work comprises a media study through the discussion of the complex interactions between politics and television viewing the representations of the social events produced by the news. The study of the media coverage of Deputy Roberto Jefferson's declarations to the Ethic Commission, through the registration of the current national television news, including *Jornal da Band*, *Jornal da Record* and *Jornal Nacional*, proposes an analysis of their reports and their ways to reassert the accusations and their effects. Each edition of the television news reflects a

---

\* Professora da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Publicou *A linguagem do telejornal. Um estudo da cobertura dos 500 anos de descobrimento*. Rio de Janeiro: e-papers, 2005. (BeatrizBecker@uol.com.br)

certain version of daily social reality. Assuming television news as a singular way of scattering information and presently the most shocking information product we propose an investigation on the hierarchy of values that is considered to be contained within the media speeches. Concepts and identities are constructed through an intentional use of the language and narrative techniques. This study also intends to point out the responsibility of journalists and researchers whose professional exercising functions work as opinion markers and/or articulators of specific ways to understand the country and the world.

Television - Television News - journalism

## O valor dos noticiários nas complexas interações entre Comunicação e Política

Vivemos numa época de expressivas modificações, em que experimentamos a diluição de fronteiras, em todos os sentidos - entre o natural e o artificial, o real e o virtual, o nacional e o estrangeiro, o público e o privado, o próximo e o distante, o certo e o errado. Experimentamos transformações, inclusive, na percepção da relação entre tempo e espaço.

A atualidade é marcada pela fragmentação de identidades, pela perda de referências que, bem ou mal, nos constituíam. O abismo entre os valores teoricamente defendidos pela sociedade e os efetivamente praticados, além do conseqüente esvaziamento do conceito de ética, tem deixado a população brasileira perplexa. Muitas pessoas estão mesmo interessadas apenas no poder, no dinheiro e na fama. Há aqueles que têm, inclusive, uma atitude cínica de adesão a um vale-tudo moral, assumindo um comportamento voltado para a ação social de conteúdo bastante duvidoso para alcançar interesses próprios. Outros ainda reivindicam uma mudança de comportamento, uma reação coletiva, sem que haja, contudo, pelo menos, um consenso sobre o núcleo em torno do qual construir essa reação.

Tomando por base o pressuposto da perplexidade contemporânea, motivada pelas recentes descobertas científicas e o advento das novas tecnologias, Sardinha (2002:353) aponta que os conceitos de ética e linguagem são dimensões constituídas por uma hierarquia de valores, sugerindo um maior equilíbrio entre o dever e o devir, com ênfase nos aspectos da compaixão e solidariedade humanas estendidas ao planeta como um todo. E nesse contexto, ressalta que a mídia tem um papel fundamental. Segundo ela (Sardinha, 2002: 215), a globalização aliada ao neoliberalismo pode não ter trazido a satisfação das necessidades para todos, mas certamente criou novas necessidades para todos, uma das quais é "acontecer", isto é ser notícia, destacar-se dos demais. Os que podem fazer isto reiterando os valores consensualmente admitidos pela sociedade são festejados e aclamados pela mídia. Aos que são vedados os meios legítimos de

inserção social, este objetivo só pode ser alcançado pela negação do valor consagrado, isto é, pela transgressão, se possível, escandalosa, quando então também passarão a ser cortejados pela mídia. E numa cultura que a versão vale mais do que o fato, o importante é a imagem que os outros fazem de nós. O “penso, logo existo” é substituído por “sou visto, logo existo” (Sardinha, 2002: 208).

Em princípio, a comunicação permitiria a visibilidade, na medida em que abre espaço para a deliberação pública e para a exposição de assuntos controversos, apresentando diferentes interpretações sobre os fatos sociais, aumentando a quantidade e, sobretudo, a qualidade de acesso ao debate social. Mas, nem sempre é assim. Ao ser interessada, a comunicação possui distorções, temas restritos que ainda ficam obscuros ou abordagens tendenciosas que costumam padronizar a opinião pública. As mídias não atuam apenas como observadores do acontecimento, mas também como atores. Martín-Barbero (2000:88) explica que o “ver” se transforma em um paradigma conceitual dos vínculos entre democracia e comunicação, entre cidadania e mídia, revela que a sociedade civil é um espaço público no qual se dão interações de classes muito diversas entre diferentes atores sociais mais ou menos organizados. E, neste contexto, destaca o papel da televisão e dos noticiários como tribunais e árbitros do acesso à existência social e política. Ao mesmo tempo em que as mídias denunciam, não têm poder ou controle absoluto sobre a sociedade civil, que também se transforma, gerando novos comportamentos e reivindicações. De fato, a televisão e os noticiários podem funcionar como instrumentos fundamentais da ampliação ou restrição do interesse e da expressão públicos. Na tevê são encenadas muitas das mais importantes dimensões da política contemporânea, mas também são promovidos conhecimentos sobre a realidade social. “Visibilidade que mídias como a televisão oferece é quase sempre paradoxal: não responde a um ideal de total transparência, mas é o resultado mais ou menos ambíguo da intersecção entre informação e desinformação, verdade e artifício, montagens ritualizadas e espontaneidade” (Martín-Barbero, 2000:100).

A corrupção é um dos temas que, hoje, se apresenta de maneira

ostensiva nos meios de comunicação nacionais. É um dos assuntos que mais ocupa a agenda pública não só no Brasil, mas também em países do chamado primeiro mundo. Segundo Martín-Barbero (2000:98), a corrupção não se identifica somente com o poder político, mas é uma trama que envolve as áreas mais díspares da vida social: a economia, a tecnologia, o esporte, os meios de comunicação e até a religião. Sem dúvida, a mídia tem uma função informativa e, nesse sentido, impõe um golpe à corrupção, a qual, sem essa ação, percorreria seu caminho tortuoso sem maiores contratempos ou efeitos. No entanto, está mais comprometida com a conquista de uma credibilidade que garanta o seu lugar no mercado, ou seja, com a lógica da publicidade, com o aumento das audiências das emissoras de rádio e TV e das tiragens dos jornais e revistas, do que com a ampliação da consciência crítica do público. Os discursos jornalísticos priorizam o preenchimento das expectativas cotidianas na construção dos relatos e não exatamente a precisão e a qualidade da informação.

As representações midiáticas dos fatos sociais levam muitos especialistas a questionar e criticar as coberturas telejornalísticas, através da utilização do conceito de "espetacularização" da política ou da "sociedade do espetáculo" em distintos debates, supondo que o espetáculo, ao desordenar, deslegitima, e considerando que a função do jornalismo seria o de organizar o real, impor uma ordem ao caos do espetáculo, legitimando a realidade. Mas, será que as pessoas vêem efetivamente a televisão como um lugar do espetáculo e, portanto, vêem a política e o mundo como se estes fossem espetáculos ou têm consciência que vêem imagens da realidade construídas com a linguagem televisiva na observação dos acontecimentos? Esta indagação ainda demandaria, sem dúvida, uma pesquisa de recepção, a qual não é o objetivo principal deste trabalho, interessado em perceber as diferentes representações da política nacional, a partir das enunciações dos três telejornais de rede de maior audiência sobre o depoimento do Deputado Roberto Jefferson à Comissão de Ética da Câmara no dia 14 de junho de 2005, com expressivos efeitos sobre a sociedade brasileira. Neste trabalho iremos investigar os discursos dos noticiários sobre este

acontecimento, considerando que a política e a corrupção ou a guerra, a religião e ainda o esporte, enfim, tudo que a mídia enfoca com inegável eficiência profissional e técnica, submete-se a uma "verdade midiática" - aquilo que é apresentado e assumido como real e tem a forma de um grande relato.

Os telejornais foram escolhidos como objeto de análise porque funcionam como expressão única, cotidiana e coletiva de representação e construção da realidade, refletindo e interferindo na expressão das identidades nacionais. O telejornal é o produto de informação de maior impacto na atualidade, através do qual a TV cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como um ritual diário (Becker, 2005:16). Machado mostra como o telejornal funciona como uma montagem de vozes. A narrativa dos noticiários é uma sucessão de versões do mesmo acontecimento, nas enunciações dos diversos sujeitos que falam e se sucedem, através de sons e imagens (Machado, 2003:104), e podemos dizer também no modo como os acontecimentos são articulados e relacionados, ganhando maior o menor peso, no conjunto dos diferentes textos audiovisuais que formam o *script*, o roteiro dos noticiários. "A questão da *verdade* está, portanto, afastada do sistema significativo do telejornal, pois, a rigor, não é com a verdade que ele trabalha, mas com a enunciação de cada porta-voz sobre os eventos" (p.111). E pensar a verdade como algo resultante da combinação possível entre o fato e a sua representação, pode ser útil para conhecermos melhor as estratégias enunciativas dos noticiários televisivos, compreendermos com maior clareza as relações entre comunicação e política e percebermos com mais cuidado e atenção a realidade social sobre a qual também produzimos sentidos.

## Uma análise comparativa da cobertura do depoimento de Roberto Jefferson

Assumimos para esse estudo a metodologia demonstrada em pesquisa anterior da autora, a qual oferece um caminho de leitura crítica dos telejornais, através da análise comparativa quantitativa

e qualitativa e de um conjunto de dez categorias e 11 princípios de enunciação (Becker, 2005:60-106). investigamos como cada telejornal contou a história do depoimento do Deputado Roberto Jefferson, como cada noticiário transformou esse fato social em notícia. Neste percurso foi necessário, em primeiro lugar, realizar uma análise quantitativa dos três telejornais, a qual gerou um Quadro da Produção de cada noticiário. Estes Quadros foram construídos a partir da atenta observação dos “espelhos”, a lista das matérias jornalísticas selecionadas na ordem em que foram ao Ar no **Jornal da Band**, no **Jornal da Record** e no **Jornal Nacional** no dia 14 de junho de 2005, com indicação dos respectivos tempos e formatos das notícias. Os textos audiovisuais referentes ao depoimento do Deputado ganharam especial atenção.

Depois desta primeira sistematização, verificamos que os telejornais têm características narrativas regulares, são formados com blocos de informações separados por intervalos comerciais de quase três minutos e por trinta e dois minutos de produção em média. Um ou dois apresentadores, atrás de uma bancada, contam histórias do cotidiano de segunda a sexta-feira (ou sábado) e mais ou menos no mesmo horário. Pudemos observar, através dos espelhos analisados, que apenas 30% das notícias foram iguais nos três telejornais. As pautas comuns foram sobre as denúncias do Deputado Roberto Jefferson e suas repercussões, as rebeliões em presídios de São Paulo e Minas Gerais e o VT sobre as condições do tempo. A escalada das três edições apontaram as denúncias do Deputado como a principal notícia do dia. O assunto também ganhou destaque na nota locutor de abertura de cada noticiário, mas recebeu tratamentos diferenciados na forma como foi distribuído nos blocos, nos tempos das matérias, nas notas-locutor, assim como em outras enunciações dos âncoras, dos comentaristas e dos repórteres, gerando representações distintas do acontecimento para o público.

A escalada do **Jornal da Band** teve 1min.e 5”, tempo igual a do **Jornal da Record**. A do **Jornal Nacional** foi a mais curta com 50”. O **Jornal da Band** valorizou as informações contidas no próprio discurso do Deputado, foi mais factual. No **Jornal da Record**, o depoimento foi apontado como instrumento de revelação da grave crise política

do governo petista, endossada pelas denúncias da ex-secretária do publicitário Marcos Valério, que ganharam mais importância do que o depoimento de Roberto Jefferson desde o início da escalada e durante todo o noticiário E no **JN** o Deputado, que afirmou ter recebido dinheiro do PT e do Instituto de Resseguros do Brasil, foi reafirmado como réu. Na nota locutor de abertura de cada noticiário não foi diferente. Nascimento anunciou um resumo dos momentos mais fortes e dramáticos do depoimento, numa cobertura que tudo nos poderia revelar, marcada pelo princípio da ubiquidade. Casoy destacou a instabilidade política do governo Lula, relacionando-a com a que experimentamos no governo Collor. O **Jornal Nacional** como o **Jornal da Band**, também anunciou a cobertura completa do depoimento e as reações no congresso, no governo, na justiça e no mercado financeiro na edição do dia 14 de junho de 2005. No entanto, valorizou, mais uma vez, o crime eleitoral cometido por Jefferson.

As matérias sobre o depoimento de mais de 6 horas tiveram 3min.e 15" no **Jornal da Band**, 3 min.e 55" no **Jornal da Record** e 5 min.e 45" no **Jornal Nacional**. No **Jornal da Band** e no **JN** foram construídas como notas cobertas e no **Jornal da Record** como VT, ou seja, como matéria completa, com texto *off* e passagem, ou seja, com repórter também aparecendo no vídeo na transmissão de informações. Todas as narrativas exibiram as mesmas imagens durante o depoimento com enquadramentos semelhantes, mas o discurso do Deputado foi organizado pelo texto verbal, de acordo com uma hierarquia de valores, através do uso da linguagem, revelando que a imagem tem efetivamente um maior poder de descrição do acontecimento, mas não de qualificação. E que os sentidos das notícias nos telejornais são mesmo produzidos pela combinação entre texto e imagem, assim como na interação com o telespectador, o qual pode estar mais ou menos atento a estas questões, mas sempre "negocia" os sentidos das mensagens, a partir do seu repertório sócio-cultural, político-econômico e, inclusive, emocional. O observador dessas estratégias discursivas não deve negar o lugar de sujeito na construção de uma reflexão crítica, mas precisa buscar algum distanciamento das narrativas para realizar uma análise de maior qualidade.



Vejamos quais e como foram destacados os diferentes aspectos do depoimento do Deputado Roberto Jefferson nos três noticiários. Tanto o **Jornal da Band**, quanto o **Jornal da Record** e o **Jornal Nacional**, utilizaram os depoimentos de Roberto Jefferson para legitimar ou comprovar as informações jornalísticas sobre cada um dos aspectos enunciados nos textos *off* que compuseram as matérias. O **Jornal Nacional** usou, inclusive, uma organização visual dos temas destacados durante a exibição da matéria com os seguintes títulos: "Provas", "Denúncias do Mensalão", "Denúncia à Lula", " Perseguição da ABIN", " Malas de Dinheiro" e " Polícia Tucana". A sistematização das informações jornalísticas sugeria aparentemente objetividade e imparcialidade. O **Jornal da Band** destacou o ataque a órgãos da imprensa e mencionou a ex-secretária do publicitário Marcos Valério, citada pelo Deputado como prova da entrega do dinheiro. O **Jornal da Record** também mostrou a crítica do Deputado à Imprensa. Afirmou ainda que o Deputado não se intimidou com a representação do pedido do Presidente do PL, Valdemar Costa Neto, autor do pedido de cassação do mandato dele. E mostrou o questionamento do Deputado sobre a ausência de investigação oficial na Diretoria de Tecnologia dos Correios, controlada pelo PT e na empresa jornalística de Mauro Dutra, amigo do Presidente Lula. E Como o **JN**, ainda destacou a ausência de provas.

Pudemos constatar que as histórias cotidianas não são contadas da mesma forma na mídia, ainda que neste caso, a maioria dos aspectos destacados sobre o depoimento tenha sido iguais. Até porque essas diferenças de representação do acontecimento se intensificaram durante a exibição de cada telejornal na intervenção dos âncoras, comentaristas e repórteres, assim como na seleção de outras vozes que construíram a enunciação sobre o depoimento e suas repercussões. O **Jornal da Band** tratou o acontecimento com maior isenção, embora de forma tragicômica ironizando a dramaticidade do Deputado Roberto Jefferson e o bate-boca dos deputados, apontando os acontecimentos da política nacional como uma encenação. Associou a Política a uma farsa, atribuiu aos políticos as representações dos fatos sociais e não à mídia, valorizando o

papel da Imprensa na visibilidade dos acontecimentos. Buscou um distanciamento na enunciação dos efeitos das denúncias feitas pelo Deputado na organização das informações sobre o depoimento da ex-secretária de Marcos Valério, reveladas de modo objetivo no texto de Nascimento no último bloco com uma nota coberta por imagens do site da Revista **Isto é Dinheiro**, no qual a agilidade da Imprensa de apuração e divulgação dos fatos ao público, foi mais valorizada do que o conteúdo e os efeitos da declaração da secretária sobre a política nacional. E também na abertura de mais espaço para a expressão pública sobre o tema, através de um VT de 1min. e 10" sobre a reação dos jovens ao pronunciamento de Jefferson e ao comportamento dos políticos, os quais sugeriram uma atitude mais ética e comprometida com os valores humanos. Vejamos alguns textos do noticiário que geraram estas observações. Em primeiro lugar o modo como o Deputado apresentou na matéria sobre o depoimento um lugar simbólico ao Presidente Lula na trama política, o da vítima inocente:

**off 6:** *Depois de dizer que os ministros esconderam o mensalão do Presidente, Roberto Jefferson afirmou que Lula só ficou sabendo quando ele denunciou e que o presidente ficou chocado:*

**sobe som R. J.:** *O que é isso?*

*Eu contei e as lágrimas desceram dos olhos dele.*

Vejamos também o diálogo revelado entre o Deputado Roberto Jefferson e os deputados que afirmou terem recebido o mensalão na mesma matéria:

**Off12:** O Presidente do PL, Valdemar Costa Neto, citado pelo Deputado Roberto Jefferson. não gostou e o clima. esquentou.

### **Sobe som do depoimento**

**R. J.-** *Eu afirmo que vocês receberam os repasses.*

**V.C.N. -** *Recebo?*

**R.J.** - *Recebe, eu afirmo.*

**V.C.N.** - *Deputado, o senhor não afirma nada. O senhor difamou esta casa e não respondeu nenhuma pergunta.*

**R. J.** - *Afirmo que você recebe os repasses.*

Observamos ainda a nota locutor seguinte a esta matéria enunciada por Carlos Nascimento com irônico sorriso após este diálogo e a posterior nota pé:

**LOCV:** *No fim de tarde, depois de 4 horas de depoimento mais um bate-boca. Dessa vez entre os Deputados Roberto Jefferson e Sandro Mabel do PL, esquentou o clima no Conselho de Ética.*

### **Sobe som depoimento**

**R.J.** - *Quanto recebeu o PL? Diga se é homem*

**Dep. Sandro Mabel** - *Nenhum centavo.*

**R. J.** - *Diga se é homem.*

**S.M.** - *Eu sou muito homem, Deputado. Por isso, fico de pé aqui. Sou muito mais homem que o senhor.*

**R. J.** - *Homem é quem fica de pé?*

**LOCV:** *Foi na verdade um grande show. Essa é a avaliação da maioria dos Deputados sobre o depoimento de Roberto Jefferson.*

O VT sobre a repercussão do depoimento no Congresso chamou a atenção que Jefferson era um réu com todas as prerrogativas de um acusador. A passagem do repórter Fábio Pannunzio revelou a estratégia escolhida pelo Deputado de se defender atacando. O acontecimento foi apresentado como uma encenação:

Rep. **Fábio Pannunzio**

**Passagem:** *"Quando o Deputado Roberto Jefferson entrou nesse plenário o mandato dele valia um centavo de*

*Real. Onde antes, havia a certeza da cassação começa a aparecer um ponto de interrogação”*

**Jornal da Band** ressaltou que os acontecimentos políticos não provocaram nenhuma reação maior na economia, conforme afirmou o comentarista Joelson Betting. Já o **Jornal da Record**, através das enunciações de Salete Lemos e de Casoy, especialmente no diálogo entre o âncora e a comentarista, fez uma clara crítica a política econômica do governo e a manutenção de juros altos pelo Banco Central, o que, segundo a especialista, tem impedido o desenvolvimento do país. A crítica a política econômica do governo foi também revelada nas quatro notas-locutor anteriores do 3º.bloco, que mostrou apenas dados negativos sobre o comércio e as vendas, criticou a adoção de resultados de pesquisas sócio-econômicas do IBGE pelo governo antes de sua publicação, ressaltou a desconfiança dos consumidores, valorizando as bolsas e o neoliberalismo. Até mesmo na matéria sobre a repercussão do depoimento do Deputado Roberto Jefferson sobre a população brasileira no 1º. bloco, o Jornal da Record esvaziou a gestão do Partido dos Trabalhadores, abrindo espaço para vozes de servidores públicos descontentes com a política do governo. Casoy sugeriu uma instabilidade no país provocada pela incapacidade do PT e do Presidente Lula. Esse posicionamento político aparentemente não declarado foi visível na análise dos três comentários de Casoy, intercalados e “diluídos” entre cinco matérias com repórteres diferentes no primeiro bloco, destinado a cobertura do depoimento e suas repercussões, assim como nas suas observações sobre a entrevista da ex-secretária. Observe os textos dos comentários:

### C.1

**LOCV:** *O Depoimento de Roberto Jefferson não acrescenta quase nada a entrevista da Folha. Novidade mesmo estarrecidora é o depoimento desta ex-secretária que diz fazer as denúncias por amor ao Brasil. Ela confirma as acusações de Jefferson. E entra em detalhes de arrepiar os cabelos.*

*Karina aparentemente não tem documentos que comprovem as suas acusações, mas é dona de uma agenda que, segundo ela, tem tudo anotado. Pelo jeito temos mais lenha na fogueira de uma história ainda sem comprovação material, mas de contornos bastante críveis.*

C. 2

**LOCV:** *De fato ele não apresentou prova nenhuma,mas deu indícios nos quais as pessoas estão acreditando. E existe um fato de que há dias, há pouquíssimos dias, quando havia as acusações sobre os Correios, o Presidente Lula disse que Roberto Jefferson era um parceiro. E já havia dito que entregaria um cheque em branco ao Presidente do PTB (respira com pesar).*

**LOCV:** *Você vê que a história está se repetindo. Com Collor foi o motorista Eriberto. Agora é a secretária Karina. Ainda é preciso avaliar corretamente, com calma, as denúncias desta moça, lastreada por uma agenda que permite a comprovação ou não de muitos fatos apontados. As denúncias são gravíssimas e se encaixam com perfeição com as de R. J., amplificando e fortalecendo o que o Deputado disse. É preciso investigar até o fim. Doa a quem doer. E vai doer muito para o Brasil.*

C.3

**LOCV:** *É um momento muito sério, a nação assiste perplexa as denúncias sobre corrupção nos correios e a respeito de um suposto vergonhoso mensalão. O depoimento dessa secretária deve complicar ainda mais um quadro já muito complicado. Certamente, a partir de agora o ambiente político e também econômico ficará mais carregado porque o governo Lula está sendo posto em cheque e*

*assiste entre dividido e paralisado o que pode se tornar sua imolação em plena praça pública. É preciso investigar e é preciso passar o Brasil a limpo.*

Com este conhecido bordão, Casoy assumiu uma integridade e uma competência da Imprensa capaz de julgar e imprimir uma ordem no “caos” político-econômico brasileiro. Assumiu um lugar de cidadão acima de qualquer suspeita, interessado no direito público. Mas, não podemos esquecer, como já vimos, que a Imprensa e os diferentes veículos e noticiários, assim como o **Jornal da Record** com Boris Casoy, são também atores sociais em busca de mercado e credibilidade. Afinal, não há enunciações ou usos de linguagem sem intencionalidades. A imparcialidade da mídia é, portanto, inalcançável, assim como os princípios jornalísticos da objetividade e da neutralidade, ainda que possam e devam servir como motivação para o exercício profissional. No Brasil, a mídia ocupa mesmo o espaço simbólico de defensora da cidadania, frente a um Estado fragilizado e a outras instituições de representação pública machucadas pela corrupção como a Justiça, a Polícia e até a Igreja. Foi também numa atitude de absoluta imparcialidade e integridade que o **Jornal Nacional** construiu seu discurso sobre o depoimento do Deputado Roberto Jefferson e suas repercussões. A partir de uma síntese do dia em Brasília bastante bem estruturada tecnicamente com duas entradas ao vivo no terceiro e no quarto blocos, o **JN** não apresentou um distanciamento do acontecimento como o **Jornal da Band**, não atacou o governo petista e o presidente Lula, mas escolheu polemizar diretamente com o Deputado Roberto Jefferson, especialmente no 4º bloco, formado por três VTs sobre as repercussões no Congresso, os efeitos sobre a rotina do governo, as reações do PT e do Presidente do Partido, uma nota-locutor sobre a atitude dos juizes federais e outras 5 notas-locutor e 1 nota-pé, que funcionaram como autênticos editoriais com jeito de direito de resposta auto-concedido pelas Organizações Globo ao Deputado. Essas notas foram intercaladas por trechos do depoimento de Jefferson, valorizando não só o papel social e a independência

política da Imprensa, mas, apresentando, especialmente o Jornal Nacional, como o porta-voz da verdade, reafirmando, de certa forma, a condição de réu do Deputado. Mas, uma verdade diferente do Jornal da Record. Na reportagem sobre o depoimento de Jefferson, as críticas do Deputado a Imprensa não foram consideradas, como na nota coberta do Jornal da Band e no VT do Jornal da Record. Mas, essas mesmas críticas foram destacadas e cuidadosamente trabalhadas posteriormente. Observe o texto da quinta e última "nota-editorial" enunciada:

Fátima

**LOCV/edit. 5:** *Em seu ataque as organizações Globo, o Deputado Roberto Jefferson esqueceu de mencionar o que dizia as reportagens que o irritaram. É importante relembrar o conteúdo delas. A capa da revista **Época** de Sábado, 4 de juho, tinha o seguinte título: "O Laranja de Roberto Jefferson". A reportagem mostra que um sorveteiro ganhou do Deputado duas emissoras de rádio. O sorveteiro só soube que era dono de uma delas ao ser informado pela revista e declarou que nunca receber dividendos de nenhuma delas. Os principais jornais do País publicaram a denúncia de **Época**. **OGlobo** de domingo, 5 de junho, revelou que Os titulares de cargos no governo ocupados pelo PTB presidido por Jefferson controlavam verbas de 4 bilhões de reais. A reportagem dizia: "Alvo de investigações da PF e suspeito de participar de um esquema de corrupção envolvendo correligionários seus nos Correios e no Instituto de Resseguros do Brasil, Jefferson indicou afiliados para o primeiro escalão de órgãos como Embratur, Caixa Econômica Federal, Eletronuclear, BR distribuidora, Eletronorte, Agência Nacional de Saúde Suplementar e Delegacia Regional de trabalho no Rio. As organizações Globo entendem que o Jornal **O Globo** e a revista **Época** cumpriram apenas a sua missão de informar. Será sempre assim*

*como o Deputado Roberto Jefferson pode constatar. nas organizações Globo ninguém segura informação nenhuma. Aqui para que alguma coisa seja noticiada, basta ser verdade.*

## Algumas lições

Pudemos observar, portanto, que os noticiários são instrumentos de mediação. A função básica do gênero é informar, mas o modelo "polifônico" do telejornalismo pode ser acusado, não sem razão, conforme explica Machado (2003:109-111), de tentar mascarar o fato de que toda a produção de linguagem emana de alguém, ou de um grupo, ou de uma empresa, logo, nunca é resultado de um consenso coletivo e sim, de uma postura interpretativa diante dos fatos noticiados. No entanto, por mais que o telejornal seja acusado de maniqueísmo ou comprometimento, ele também produz ambigüidade de sentidos. Os modos como são organizados os relatos tornam difícil para a audiência saber com clareza se o noticiário é simpático ou hostil ao acontecimento enunciado. O telejornal ordena e sistematiza o real, mas, ao mesmo tempo, é um texto aberto a interpretação do telespectador.

Procuramos identificar neste estudo de caso como as informações televisivas se transformaram simultaneamente em testemunho e produto das negociações políticas, como os depoimentos e informações jornalísticos foram utilizados como instrumentos de confrontação e como maneira "isenta" de relatar a denúncia. E percebemos como os efeitos de sentidos dos discursos funcionaram como articuladores da formação da opinião pública. Verificamos como a edição de cada noticiário é uma versão da realidade social cotidiana. Ora, caro leitor, sabemos você e eu que as opiniões surgem de um duelo de convencimentos sobre verdades possíveis. Já sabemos também que a Imprensa busca e precisa alcançar credibilidade para garantir visibilidade e mercado. Por outro lado, é um agente importante para a mudança social, ainda que modelando maneiras de ver o Brasil e o mundo, em determinadas direções não exatamente previsíveis. Os noticiários têm, sem dúvida, uma função estratégica



porque sintetizam a complexidade das interações entre televisão e sociedade, entre mídias e cidadanias.

Enquanto a sociedade civil demanda conhecimento da atualidade, a consolidação de um “nós” diante das manifestações autoritárias e violentas e a formação de um espaço comum e de revelação onde possa se expressar em sua pluralidade, as mídias, em busca de visibilidade, se oferecem como um lugar aparentemente aberto às múltiplas demandas sociais e como porta-vozes da população. Aparentemente porque embora vivenciamos ares mais democráticos, as coberturas midiáticas ainda são, inclusive, marcadas, conforme demonstram Capparelli e Lima (2004:79), pelo “coronelismo eletrônico”- relações de força, sustentadas pelo clientelismo político entre os detentores do Poder Público e os proprietários de canais de televisão-, o que configura uma barreira à diversidade representativa que caracterizaria uma televisão onde o interesse público deveria ser priorizado em relação aos interesses particulares. Para Rubim (2000:14-83) o relacionamento entre o campo da comunicação e o campo da política realiza-se não só como uma disputa de poderes, inclusive com conflitos, mas também de modo complementar, são campos que necessitam interagir um com o outro para se efetivar socialmente. E a comunicação midiática, em especial a televisão, aparece como a fonte principal de representação social da política, ainda que não tenha o poder absoluto de tornar público e/ou de silenciar os processos do campo da política. A mídia, portanto, “não impõe suas idéias às audiências, mas esboça a agenda temática preponderante nas discussões públicas” (p.81).

O Depoimento de Roberto Jefferson e suas repercussões mobilizaram a nação e têm gerado efeitos expressivos sobre a sociedade civil e sobre a política e a economia brasileiras. O assunto ocupou várias páginas dos grandes jornais e foi capa das principais revistas semanais do país. O Deputado ganhou notoriedade porque ao se defender atacando, revelou publicamente que o dinheiro das campanhas políticas vem dos empresários que, muitas vezes, mantêm relações com as empresas públicas, mexendo diretamente nas relações de poder. As denúncias do Deputado desvelaram que a legislação

eleitoral tem permitido que recursos financeiros para as campanhas sejam operacionalizados de maneira ilegal. E que muitos políticos e empresários não estão mesmo sintonizados com o interesse público e o desenvolvimento do país. Observamos que há necessidade urgente de uma Reforma Partidária. A mídia tornou visível que a imoralidade e a ausência de ética avançaram o sinal vermelho no Brasil, mesmo direcionando os modos de percepção desta realidade. E diferentes vozes passaram a indagar se o Presidente Lula tinha ou não consciência do vale-tudo moral para garantir o poder, mantendo o bolso cheio de algumas lideranças partidárias do PT e da base aliada. Mas, é claro, que a traição, a ingratidão e o uso ilegal do dinheiro público não são predicados do PT e do governo Lula, frontalmente atacados. Há políticos corruptos e honestos em todos os partidos, conforme demonstra história recente do país. Sem dúvida, é difícil aceitar que esquemas de sonegação de impostos e lavagem de dinheiro sejam articulados também por alguns dos líderes de um Partido que sustentou como plataforma na campanha política o desenvolvimento social, a ética, o bem estar coletivo e o interesse público. Esses fatos promovem desencanto, desilusão. Mas, seríamos ingênuos se não percebêssemos também que a estabilidade política do país e a economia brasileira sofrem uma provocação intencional e/ou organizada por forças não totalmente identificadas, inclusive por parte da própria Imprensa.

Diante da televisão não existem mesmo somente telespectadores desatentos e/ou passivos. Reconhecemos que na televisão são encenadas muitas das mais importantes dimensões da política contemporânea. Roberto Jefferson, como outros políticos, tornaram-se protagonistas de histórias construídas na tênue fronteira entre a realidade e a ficção porque os personagens e os fatos sociais- matérias-primas do acontecimento- são reais. A falta de ética na gestão do patrimônio e do interesse públicos em determinadas situações nunca foi totalmente desconhecida pela população brasileira, até em função do trabalho da Imprensa. Mas, nesse momento foi legitimada de modo bastante expressivo pela mídia. As denúncias do Deputado foram graves e demandaram necessária investigação. Os tratamentos das informações sobre essas denúncias, porém, que tornaram Rober-

to Jefferson um Deputado transgressor, também o promoveram como um político famoso, “espetacular” e até corajoso, em rede nacional. E desse modo, foi visto e passou a existir em todo o país.

As empresas jornalísticas e seus profissionais, através dos seus discursos, sob os princípios inalcançáveis da objetividade e da imparcialidade, constroem representações dos acontecimentos políticos nacionais, atribuindo valores às empresas e às instituições, qualificando ou desqualificando os sujeitos como ser moral, julgando cidadãos e constituindo e agendando os conflitos e as contradições da sociedade brasileira. Portanto, há uma necessidade real de re-vermos não só a lei de imprensa e os códigos de ética, mas ainda estabelecermos uma nova hierarquia de valores na elaboração dos textos, dos personagens, no modo de apurar, sistematizar e expressar informações jornalísticas que constroem as realidades regionais e nacionais, a nossa visão de Brasil e de mundo, examinando a possibilidade de estabelecer uma base consensual e de colaborar para a construção de um novo horizonte ético. Até porque uma ética anda acoplada a uma visão de mundo. Isso significa buscar a contextualização dos fatos sociais, enquanto são transformados em notícias e/ou acontecimentos midiáticos.

Não se costuma perceber, porém, que a partir do próprio discurso da mídia, são experimentados procedimentos inéditos de participação, de defesa de direitos civis e de afirmação da autonomia da população e de identidades cidadãs. A nova rede brasileira de pesquisadores em Jornalismo também pode ser um fórum onde possamos reunir diversos interesses e setores sociais para buscar caminhos de democratização da Comunicação. A compreensão do nosso estar no mundo se dá a partir das narrativas produtoras de sentidos, por isso, é imprescindível avaliar o papel do Jornalismo na sociedade e os efeitos produzidos pelos seus textos.

Afinal, o Jornalismo não é uma atividade missionária, além de uma forma de conhecimento que deveria prestar sempre um serviço público de qualidade na distribuição das informações, é um negócio onde vender jornal e alcançar maior audiência não é pecado. A questão é como este objetivo é conquistado. No Jornalismo, assim como na

saúde e na educação e em outros campos da vida social, há responsabilidades inerentes à condição humana e o cuidado que as pessoas simplesmente merecem. Talvez seja necessário ouvir mais do que, pelo menos, dois lados de uma questão no mesmo dia. É preciso que o jornalista esteja mais aberto a temas e pessoas do que em fazer contatos. O exercício de um jornalismo de qualidade impõe uma atitude de indagação nova, a necessidade de quebrar a rotina do olhar.

Conforme sugere Dines, "o jornalismo investigativo não é apenas jornalismo de sensações ou de escândalos. Relaciona-se com o jornalismo interpretativo ou analítico, pois, ao inquirir sobre as causas e as origens dos fatos, busca também a ligação entre eles e oferece a explicação da sua ocorrência. Ao praticá-lo, necessariamente, não se obriga à postura de denúncia. Ele pode comportar uma atitude grave, estudiosa e, sobretudo responsável. E desde que o jornalista adote o princípio filosófico de que qualquer questão oferece duas perspectivas - uma pró e outra contra- e entenda que a boa reportagem é justamente aquela que consegue apresentá-las com equidistância, manter-se-á a objetividade e um bom padrão ético" (Dines, 1986:92).

Sem dúvida, o jornalismo investigativo e o interpretativo podem ser as ferramentas de nova atitude profissional. Podendo-se voltar ao jornalismo de campo, em oposição ao jornalismo de gabinete, que na última década, dominou nossas redações. Por isso, conforme sugere Sardinha (2002:141-142), mais importante do que "descobrir" a verdade, como detetives, talvez seja "construir" a verdade, como operários, à medida que, às apalpadinhas, encontramos e empilhamos os tijolos adequados ao que supomos ser a estrutura desejada. "A obra final-a verdade -viria com o fim dos tempos, e teria contado com a nossa participação (p.141-2)".

## Notas

\* A versão em inglês deste artigo com o título "TV News & Politics: a conflicting marriage that builds reality" encontra-se no segundo número da Brazilian Journalism Research, editada pela Associação Brasileira de pesquisadores em Jornalismo, A SBPJur.

## Bibliografia

- BECKER, Beatriz. *A linguagem do telejornal, um estudo da cobertura dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil*. 2ed. Rio de Janeiro: E-Papers, 2005.
- CARTA CAPITAL. ANO XI, Nº 347, 22 de junho de 2005.
- CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. *Comunicação e Televisão, Desafios da Globalização*. São Paulo: Hacker Editores, 2004.
- DINES, Alberto. *O papel do Jornal, uma releitura*. São Paulo: Summus Editorial, 1986.
- ISTO È. Nº 1862, 22 de junho de 2005.
- MACHADO, Arlindo. *A Televisão Levada a Sério*. 3ed. São Paulo: Editora SENAC, 2003.
- MARTIN-BARBERO, Jesús. *Os exercícios do Ver, Hegemonia audiovisual e ficção televisiva*. São Paulo: Ed. SENAC, 2000.
- RUBIM, Antonio Albino Canelas. *Comunicação e Política*. São Paulo: Hacker Editores, 2000.
- SARDINHA, Maura R. *No Horizonte Ética da Comunicação*. 2002. 353p. Tese (Doutorado em Comunicação) Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2002.
- VEJA. Editora Abril, edição 1910, ano 38, no. 25, 22 de junho de 2005.